

Biblioteca Anarquista



Porque A Revolução Não Realizou Suas Esperanças

Emma Goldman



Emma Goldman
Porque A Revolução Não Realizou Suas Esperanças
Abril de 1925

My Further Disillusionment in Rússia
Extraído da conclusão de *My Further Disillusionment in Rússia*,
publicado na “Revue Anarchiste”, n 33, abril de 1925. Tradução: Plínio
Augusto Coelho

bibliotecaanarquista.org

Abril de 1925

“... o Estado é conservador e estático, a revolução é progressista e dinâmica. Estas duas tendências são incompatíveis e tendem a destruir-se mutuamente. A idéia estatista matou a revolução Russa e este será o mesmo resultado para todas as outras revoluções, a menos que o ideal libertário imponha-se.”

A razão do fracasso da revolução Russa, conduzida como foi pelo partido comunista, é agora clara. O poder político do partido, organizado e centralizado no Estado, procurou se manter por todos os meios à sua disposição. As autoridades centrais tentaram conduzir as atividades populares a uma via que correspondesse aos projetos do partido. O único objetivo deste último era reforçar o Estado e estabelecer seu monopólio sobre a atividade econômica, política e social, e todas as formas de manifestação intelectual. A revolução tinha um objetivo bem diferente; seu caráter essencial era a negação da autoridade e da centralização. Ela lutava para ampliar o campo da iniciativa do proletariado e multiplicar as formas do esforço individual e coletivo. Os objetivos e tendências da Revolução eram diametralmente opostos àqueles do partido político dirigente.

Igualmente opostos eram os métodos da revolução e do estado. Os da revolução estavam impregnados do espírito da própria revolução, quer dizer, procuravam emancipar-se de todas as forças opressivas; em resumo, estavam transformados pelos princípios libertários. O método do estado, ao contrário – não só do estado bolchevique, como de qualquer outro governo – estava baseado na coerção, que, lógica e necessariamente, desenvolveu-se em violência sistemática, opressão e terrorismo. Assim, duas tendências opostas lutavam pela supremacia: o estado bolchevique contra a Revolução. Esta luta era um combate em que um dos dois devia perecer. As duas tendências, contrárias em seus objetivos e métodos, não podiam trabalhar em comum acordo: o triunfo do estado foi o fracasso da Revolução.

Seria, entretanto, um erro pretender que a não realização dos objetivos da revolução deveu-se somente às práticas bolchevistas. Fundamentalmente, foi o resultado dos princípios e métodos do bolchevismo. Foram os princípios autoritários do Estado que sufocaram o espírito libertário e as aspirações rumo à liberdade. Qualquer outro partido político que tivesse estado no poder, o resultado teria sido completamente idêntico. Não foram os bolchevistas que mataram a revolução, mas sim a ideia bolchevista. Foi o marxismo ou, em resumo, o sectarismo governamental.

Uma revolução só pode resultar em fator de libertação se os meios utilizados forem idênticos aos objetivos buscados. A revolução é a negação do que existe, é um violento processo contra a desumanidade do homem para com o homem, com as mil e uma escravidões que ela comporta. É a destruição dos valores dominantes em um sistema complicado de injustiça, de opressão, e do mal que foi criado pela ignorância e brutalidade. É a anunciadora dos novos valores, precipitando-se para a transformação das relações humanas, não apenas para a nova distribuição do bem-estar social. É tudo isso, e ainda mais, muito mais. É, de início e acima de tudo, o reclassificador, o portador, dos novos valores. É o grande professor da nova moral, inspirando os homens com nova concepção da vida e de suas manifestações nas relações sociais. É o regenerador mental e espiritual.

Seu primeiro preceito moral está na identidade dos meios empregados e dos objetivos buscados. O fim último de toda mudança social revolucionária é o de estabelecer o respeito à vida, à dignidade humana, o direito de cada ser humano à liberdade e ao bem-estar.

Se este não é o objetivo essencial da revolução, as transformações sociais violentas não têm nenhuma justificativa.

violência, esta coisa inevitável nos movimentos revolucionários, foi admitida como costume estabelecido, como um hábito, e é agora glorificada como instituição mais poderosa e ideal. Não foi o próprio Zinoviev quem canonizou Dzerjinsky, o chefe da sangrenta Tcheca, com o título de “Santo da Revolução”? Não é verdade que as maiores honrarias públicas foram concedidas a Uritsky, o fundador e chefe cruelmente sádico da Tcheca de Petrogrado?

Esta perversão dos valores morais cristalizou-se em pouco tempo nesta super fórmula do partido comunista: o fim justifica os meios. No passado, igualmente, os jesuítas da Inquisição fizeram sua esta fórmula, e subordinaram-lhe toda moralidade.

Ela se vingou dos jesuítas, da mesma forma que se vinga da revolução russa. À evocação dessa palavra de ordem, surge a mentira, a falsidade, a hipocrisia, a traição, o assassinato público ou oculto. Seria de grande interesse para os estudantes de psicologia social estabelecer que dois movimentos, tão separados pelo tempo e pelas idéias quanto o jesuitismo e o bolchevismo, produziram os mesmos resultados na evolução do princípio de que o fim justifica os meios. O paralelo histórico, quase completamente ignorado, contém uma importante lição para todas as revoluções a ocorrer e para o futuro da humanidade.

Não há maior erro que esta crença que consiste em considerar objetivos e projetos como uma coisa, e méritos e táticas como outra. Esta concepção é uma ameaça latente para a regeneração social. Toda a experiência humana ensina que métodos e meios não podem ser separados dos objetivos perseguidos. Os meios empregados tornam-se, através de hábito individual e da prática social, parte do objetivo final; eles o influenciam, modificam-no, e em pouco tempo objetivos e meios tornam-se idênticos. No dia em que coloquei meus pés na Rússia, senti, vagamente no início, e de forma mais clara, posteriormente. Os grandes objetivos da revolução tornaram-se tão nebulosos e obscurecidos pelos métodos utilizados pelo poder político que em pouco tempo foi difícil distinguir o que era meio temporário ou objetivo final. Psicológica e socialmente, os meios influenciam, obrigatoriamente, e alteram os objetivos. Toda a história do homem é uma prova contínua de que separar os métodos das concepções morais resulta em uma queda nas profundezas da desmoralização. Nisto reside a verdadeira tragédia da revolução russa. Possa esta lição não ter sido dada em vão.

Somente a compreensão dessas forças ocultas, subterrâneas, que esmagaram a revolução, pode lançar luz sobre a verdadeira lição deste evento que agitou o mundo inteiro. A revolução russa refletiu, em pequena escala, a luta secular entre dois princípios: libertário e autoritário. O progresso não consiste na aceitação dos princípios de liberdade contra os de coerção? A revolução russa foi uma tentativa libertária, vencida pelo Estado bolchevista, pela vitória temporária da ideia governamental e reacionária.

Esta vitória deve-se a um certo número de causas, das quais a principal, entretanto, era a situação retardatária da indústria russa, como muitos escritores ressaltaram. A cultura intelectual do povo russo foi também uma outra causa que, se lhe dava vantagens sobre os povos vizinhos contaminados pela política, tinha também grandes desvantagens. A Rússia estava preservada da imundice e da corrupção política e parlamentar. Por outro lado, esta ignorância comportava a inexperiência no jogo político e uma fé ingênua no poder milagroso do partido que gritava mais alto e fazia mais promessas. Esta crença no poder governamental serviu para acorrentar o povo russo ao partido comunista, antes que as grandes massas tivessem podido notar que o jugo fora de novo colocado sobre seus ombros.

O princípio libertário foi poderoso nos primeiros dias da revolução, a necessidade de livre opinião exprimindo-se em todos os lugares. Mas quando a primeira onda de entusiasmo deu lugar às necessidades prosaicas de vida cotidiana, foi preciso grande firmeza de convicção para manter ardente a chama da liberdade. Houve apenas, comparado à vasta extensão da Rússia, um punhado de homens, os anarquistas, que empreenderam esta tarefa. Mas seu número era pequeno, e sua propaganda, sufocada sob o regime czarista, não pudera ainda dar seus frutos. O povo russo, ainda que parcialmente anarquista por instinto, estava ainda muito pouco familiarizado com os verdadeiros princípios e métodos libertários para tentar aplicá-los positivamente.

A maioria dos anarquistas russos estava, infelizmente, ainda mais preocupada com a atividade limitada dos grupos e com o esforço individual do que com uma ação coletiva e social. Os anarquistas – os historiadores probos do futuro o admitirão – representaram um papel muito importante na revolução russa, um papel muito mais fecundo e significativo do que seu número poderia fazer supor. Entretanto, a sinceridade e a honestidade obrigam-me a constatar que seu trabalho teria sido de valor infinitamente mais prático se eles estivessem mais bem organizados e preparados para

guiar as energias desamparadas do povo no sentido de uma organização social sobre as bases libertárias.

Mas o insucesso dos anarquistas na revolução russa – no sentido acima indicado – não significa de modo algum o fracasso do ideal libertário. Ao contrário, a revolução russa demonstrou incontestavelmente que a ideia de estado, o socialismo de estado, em todas suas manifestações(econômica, política, social, educativa), fracassou por completo. Ela é a antítese da revolução.

Permanece verdadeiro, como em todo tipo de progresso, que apenas o espírito e o método libertários podem conduzir os homens a dar um passo adiante em sua luta por uma vida melhor, mais bela e mais livre. Aplicada às grandes revoltas sociais conhecidas sob o nome de revolução, esta tendência é tão fecunda em resultados quanto em um período de processo da evolução ordinária. O método autoritário jamais obterá sucesso na história, como mostrou a revolução russa. O espírito humano não descobriu outro princípio além do libertário, pois o homem pronunciou a mais elevada palavra de sabedoria quando disse que a liberdade era a mãe da ordem e não sua filha. Apesar de todas as seitas e partidos políticos, nenhuma revolução pode resultar em verdadeiro e permanente sucesso se não vetar toda tirania e centralização, e se não se esforçar em fazer completamente uma real reclassificação de todos os valores econômicos, sociais e intelectuais. Não uma simples substituição de um partido político por outro à frente do governo; não mascarando a autocracia com formulas proletárias; não a ditadura de uma nova classe no lugar de uma antiga; não uma comédia política qualquer, mas a total derrubada de todos esses princípios autoritários servirá à revolução.

Sobre o terreno econômico, essa transformação deve ser feita pelas mãos das massas industriais: estas últimas podendo escolher entre o estado industrial e o anarco-sindicalismo. No primeiro caso, a ameaça contra a reconstrução da nova estrutura social desenvolver-se-á com o estado político. Isto se tornaria um peso morto, entretendo o crescimento de novas formas de vida. Por esta razão, o sindicalismo (ou o industrialismo) é suficiente para realizar a tarefa, assim como proclamam seus partidários. Somente quando o espírito libertário tiver penetrado na organização econômica dos trabalhadores as múltiplas energias criadoras do povo poderão manifestar-se, e a revolução será defendida e salvaguardada.

Somente a livre iniciativa e a participação popular nos interesses da revolução poderão impedir que os terríveis erros cometidos na Rússia

que tal revolução trouxesse um bem-estar social maior (o que não foi o caso na Rússia), ainda assim não valeria o terrível preço que custa: uma simples reforma pode ser obtida sem revolução sangrenta. Não são paliativos ou reformas o verdadeiro motivo de uma revolução como eu concebo.

Na minha opinião, mil vezes fortalecida pela experiência russa, a grande missão da revolução, “a revolução social”, é a reclassificação, não apenas dos valores sociais, mas dos valores humanos. Estes últimos são até mesmo mais importantes, pois são as bases dos valores sociais. Nossas instituições e nossas condições de existência repousam sobre idéias profundamente enraizadas. Querer mudar essas condições e, ao mesmo tempo, deixar estas idéias e valores em sua situação de fundações sociais, representa simplesmente uma transformação superficial, que não pode durar nem trazer real melhora. É simples mudança de forma, ou de substância, como se viu de modo tão trágico na Rússia.

Foi ao mesmo tempo o grande erro e a grande tragédia da revolução russa o de tentar (pela direção do partido político governante) mudar apenas as instituições e as condições de vida, ignorando totalmente os valores sociais e humanos incluídos na Revolução.

Pior ainda, em sua louca paixão pelo poder, o Estado comunista até mesmo trabalhou para fortalecer as idéias e as concepções que a Revolução tinha tentado destruir. Ele encorajou todas as piores qualidades anti-sociais e destruiu de maneira sistemática a concepção já clara dos novos valores revolucionários.

O sentimento de justiça e igualdade, o amor à liberdade e à fraternidade humana – estes fundamentos de toda verdadeira regeneração social -, o Estado comunista suprimiu-os, exterminou-os. O sentimento instintivo do homem pela igualdade foi marcado como uma fraqueza sentimental; a dignidade humana e a liberdade tornaram-se superstições burguesas; o respeito pela vida humana, que é a própria essência da reconstituição social, foi condenado como contra-revolucionário. Esta terrível perversão dos valores fundamentais trazia nela própria o germe da destruição. Com esta concepção de que a revolução era somente um meio de assegurar o poder político, foi inevitável que todos os valores revolucionários se tornassem subordinados às necessidades do Estado socialista; ou que fossem explorados para firmar a segurança do poder governamental recém-adquirida. A “razão de Estado”, disfarçada sob a máscara dos “Interesses da Revolução e do Povo”, tornou-se o único critério de ação, e mesmo de sentimento. A

Nas páginas anteriores tentei indicar por que os princípios, os métodos e a tática bolchevistas fracassaram, e que métodos e princípios similares aplicados em outros países, até mesmo os mais evoluídos industrialmente, deviam ter os mesmos resultados.

Mostrei que não foi apenas o bolchevismo que fracassou, mas também o próprio marxismo. Significa dizer que a ideia Estado, o princípio autoritário, provaram sua total bancarrota na experiência da revolução russa. Se eu tivesse de resumir minha argumentação em uma fórmula, diria: a tendência, inerente ao estado, é de concentrar, estreitar, monopolizar todas as atividades sociais; a natureza da revolução, ao contrário, é desenvolver-se, ampliar-se, disseminar a si própria em círculos cada vez maiores. Em outros termos, o Estado é conservador e estático, a revolução é progressista e dinâmica. Estas duas tendências são incompatíveis e tendem a se destruir mutuamente. A ideia estatista matou a revolução russa e este será o mesmo resultado para todas as outras revoluções, a menos que o ideal libertário se imponha. Devo ainda ir mais longe. Não são apenas o bolchevismo, o marxismo, e o estatismo que são fatais à revolução e ao progresso humano. A principal causa da derrota da revolução é mais profunda. Encontra-se na concepção socialista da própria revolução.

A ideia revolucionária que domina, em geral, e de modo particular a ideia socialista, é que a revolução é uma violenta transformação das condições sociais, pela qual uma classe social, o proletário, torna-se mais poderoso que qualquer outra classe, a classe capitalista. É a concepção de uma mudança puramente física, e, como tal, necessita apenas de reorganização das instituições e da cena política. A ditadura burguesa é substituída pela “ditadura do proletário” ou pela da “vanguarda”, o partido comunista.

Lênin toma o lugar dos Romanov, o gabinete imperial é rebatizado de soviete dos comissários do povo, Trotsky é nomeado ministro da guerra, e um operário torna-se o governador militar geral de Moscou. Eis, em sua essência, a concepção bolchevique da revolução que é atualmente posta em prática. E, com algumas diferenças mínimas, é também a ideia da revolução que fazem todos os outros partidos socialistas.

Esta concepção é completamente falsa. A revolução é, com efeito, um processo violento. Mas, se tem como único resultado uma mudança de ditadura através da substituição das personalidades políticas, ela não tem então nenhum valor. Não vale, com toda certeza, a perde de vidas humanas e de valores intelectuais que resultam de cada revolução. Mesmo

reproduzam-se. Por exemplo, com combustível disponível a uma centena de quilômetros de Petrogrado, não havia nenhuma razão para que essa cidade sofresse frio, se as organizações de trabalhadores tivessem podido exercer livremente sua iniciativa para o bem-estar de todos. Os camponeses da Ucrânia teriam podido cultivar suas terras se tivessem tido acesso aos implementos agrícolas armazenados em kharkov e outros centros industriais que, esperavam, para distribuí-los, ordens de Moscou. Estes são exemplos característicos da centralização bolchevique, que deveriam servir de advertência aos trabalhadores da Europa e da América, e preveni-los contra os efeitos destrutivos do estado.

Só a potência industrial das massas, realizada por associações de bases libertárias – anarco-sindicalismo – é capaz de organizar com sucesso a vida econômica e a produção. Por outro lado as cooperativas, trabalhando de acordo com as organizações industriais, sevem de meio de troca e de repartição entre a cidade e o campo, e ao mesmo tempo unem as massas agrárias e industriais. Um elo comum de serviços recíproco e de ajuda mútua é criado, constituindo a melhor possibilidade da revolução bem mais efetiva que o trabalho obrigatório, o exército vermelho ou o terrorismo. Só nesta via a revolução pode agir e desenvolver rapidamente as novas formas sociais e inspirar às massas a maior vontade de aperfeiçoamento.

Mas as organizações industriais (ou sindicais) libertárias e as cooperativas não são os únicos meios para resolver as fases complexas da vida social. Há também as forças intelectuais, as quais, ainda que intimamente ligadas às atividades econômicas, têm, entretanto, suas próprias funções a exercer. Na Rússia, o estado comunista tornou-se o único árbitro de todas as necessidades do corpo social. O resultado, como descrevi anteriormente, foi uma complete estagnação intelectual e a paralisia de todo esforço criativo. Se quisermos evitar no futuro semelhante derrota, as forças intelectuais, que permanecem enraizadas na vida econômica, devem ainda ter certa independência e liberdade de expressão. Não mais adesão ao partido político dirigente, mas sim dedicação a revolução; capacidade, conhecimentos e – acima de tudo – o impulso criador deveriam ser o único critério de capacidade para o trabalho intelectual. Na Rússia, isso se tornou impossível desde o começo da revolução de Outubro, pela separação da intelligentsia e das massas. É verdade que a primeira a tomar a ofensiva foi a intelligentsia (os intelectuais), especialmente os técnicos que, na Rússia, como em muitos outros lugares, agarram-se à burguesia. Este elemento, incapaz de compreender a significação dos eventos revolu-

cionários, esforçou-se em represar a torrente de revolta por uma completa sabotagem. Mas, na Rússia, havia também outra espécie de intelectuais com um glorioso passado revolucionário de cem anos. Esta categoria de intelectuais manteve sua fidelidade ao povo, ainda que não pudesse aceitar sem reserva a nova ditadura. O erro fatal dos bolcheviques foi não ter feito nenhuma distinção entre estes dois elementos. Eles combateram a sabotagem por um terror que se aplicava a todos os intelectuais, enquanto classe, e inauguraram uma campanha de ódio ainda mais intensa do que contra a burguesia, método que cavou um abismo entre intelectuais e proletariado, e entrou o trabalho construtivo.

Lênin foi o primeiro a compreender este erro criminoso. Ele fez notar que era um grave erro levar os trabalhadores a crer que poderiam reconstruir as indústrias e engajar-se no trabalho intelectual sem a ajuda e a cooperação da intelligentsia. O proletário não tinha os conhecimentos nem os treinamentos para essa tarefa, e era preciso reconstituir a categoria dos técnicos para restaurar a direção da vida industrial. Mas o reconhecimento deste erro não impediu Lênin, nem seu partido, de cometer outro. Os técnicos foram chamados em condições que aumentavam o antagonismo entre eles e o regime.

Enquanto os trabalhadores continuavam a morrer de fome, os engenheiros, os especialistas industriais, os técnicos, recebiam altos salários, privilégios especiais e os melhores alimentos. Tornaram-se empregados mimados do estado e novos condutores das massas escravas. Estas últimas, nutridas durante anos com o falso ensinamento de que somente o músculo é necessário para uma revolução triunfante, e de que somente o trabalho físico é produtivo, e além do mais suggestionadas pela campanha de ódio que havia denunciado em cada intelectual um contra-revolucionário e um especulador, não podiam fazer a paz com aqueles que os bolcheviques tinham ensinado a detestar e a odiar.

Infelizmente, a Rússia não é o único país onde prevalece essa atitude contra os intelectuais, por parte dos proletários. Em todos os lugares os demagogos da política jogam com a ignorância das massas, ensinando-lhes que a educação e a cultura intelectual são preconceitos burgueses, que os operários podem dispensá-las, e que apenas eles, trabalhadores, são capazes de reconstruir a sociedade. A revolução russa estabeleceu muito claramente que o músculo e o cérebro são indispensáveis na obra de regeneração social. Os trabalhadores intelectuais e manuais estão em

relação tão estreita no corpo social quanto o cérebro e a mão no organismo humano. Um não pode funcionar sem o outro.

É verdade que a maioria dos intelectuais considera-se como uma classe à parte, superior aos operários; mas em todos os lugares as condições sociais fizeram rapidamente a classe intelectual descer do seu pedestal. Eles não têm essa facilidade do proletário físico, que pode juntar seus instrumentos e caminhar pelo mundo à procura de uma mudança de situação. Os intelectuais estão enraizados mais profundamente em seu meio social particular, e não podem mudar de situação ou de vida com tanta facilidade. Se o mundo ocidental quiser aproveitar as lições da Rússia, a bajulação demagógica das massas e o cego antagonismo contra a intelligentsia devem cessar. Isso não quer dizer, entretanto, que os trabalhadores devem estar completamente sob dependência do elemento intelectual. Ao contrário, as massas devem, desde agora, começar a se preparar para a grande obra que a revolução lhes atribui. Elas deveriam adquirir os conhecimentos e as capacidades técnicas necessárias para administrar e dirigir o mecanismo complexo de estrutura industrial e social de seus respectivos países. Mas, mesmo nas melhores condições que tenham podido preparar, terão sempre necessidade da cooperação do elemento profissional e intelectual. Assim, também este último deve compreender que seus verdadeiros interesses são idênticos àqueles da massa. Uma vez que estas duas forças tenham aprendido a fazer um todo harmonioso, os aspectos trágicos da revolução russa poderão ser eliminados.

Ninguém deveria ser fuzilado porque “adquiriu, no passado, instrução. Os cientistas, o engenheiro, o especialista, o educador, o pesquisador e o artista, tanto quanto o carpinteiro, o maquinista ou qualquer outro trabalhador manual são todos parcela da força coletiva que deve fazer da revolução o grande arquiteto do novo edifício social.

Ao invés de ódio, unidade; ao invés de antagonismo, camaradagem; ao invés de fuzilamento, simpatia, é a lição que nos dá o desmoroamento da grande revolução russa, lição a ser apreendida tanto pelos intelectuais como pelos trabalhadores manuais. Todos devem saber o valor inapreciável da ajuda mútua e da cooperação libertária. Além disso, cada um deve permanecer independente de seu meio e ser capaz de colocar à disposição da sociedade o melhor de si mesmo. É somente por esse meio que o trabalho produtivo e o esforço intelectual exprimir-se-ão em formas continuamente mais novas e ricas. Para mim, este é o ensinamento de conjunto e a lição vital que a Revolução russa nos dá.